

FICHA TÉCNICA

Título original: *Before*

Autora: *Anna Todd*

Copyright © 2015 by Anna Todd

A autora é representada por Wattpad

Edição portuguesa publicada por acordo com Gallery Books, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Cristina Carvalho*

Revisão: *Ana Albuquerque/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Mohamad Hani/Arcangel*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, maio, 2017

Depósito legal n.º 425 014/17

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

A todos os meus extraordinários leitores,
que me inspiram mais do que alguma vez saberão.

Playlist Hessa:

- «Never Say Never», The Fray
- «Demons», Imagine Dragons
- «Poison & Wine», The Civil Wars
- «I'm a Mess», Ed Sheeran
- «Robbers», The 1975
- «Change Your Ticket», One Direction
- «The Hills», The Weeknd
- «In My Veins», Andrew Belle
- «Endlessly», The Cab
- «Colors», Halsey
- «Beautiful Disaster», Kelly Clarkson
- «Let Her Go», Passenger
- «Say Something, A Great Big World», com a participação especial de Christina Aguilera
- «All You Ever», Hunter Hayes
- «Blood Bank», Bon Iver
- «Night Changes», One Direction
- «A Drop in the Ocean», Ron Pope
- «Heartbreak Warfare», John Mayer
- «Beautiful Disaster», Jon McLaughlin
- «Through the Dark», One Direction
- «Shiver», Coldplay
- «All I Want», Kodaline
- «Breathe Me», Sia

PARTE UM

antes

Quando era pequeno, o menino costumava sonhar com quem viria a ser quando fosse grande.

Talvez viesse a ser polícia, ou professor. O amigo da mamã que se chamava Vance trabalhava a ler livros, o que parecia divertido. Mas o menino não estava seguro das suas próprias capacidades; não tinha nenhum talento. Não cantava como o Joss da turma dele; não somava e subtraía números grandes como a Angela; mal conseguia falar diante dos colegas na escola, ao contrário do Calvin, brincalhão e de língua solta. A única coisa de que gostava era de ler página atrás de página dos seus livros. Ficava à espera que o Vance lhe trouxesse: um por semana, às vezes mais, outras vezes menos. Havia períodos em que o amigo da mamã não aparecia e ele entediava-se, relendo as mesmas páginas gastas dos seus livros preferidos. Mas aprendeu a confiar que o homem amável voltaria sempre, com um livro na mão. O menino tornou-se mais alto, mais inteligente; parecia que à razão de dois centímetros e meio e um livro novo a cada duas semanas.

Os pais do menino começaram a mudar com a passagem das estações. O papá passou a falar mais alto, a tornar-se mais desleixado, e a mamã passou a estar cada vez mais cansada, e os seus soluços iam enchendo as noites, cada vez mais altos. O cheiro a tabaco, e a pior, começou a entranhar-se nas paredes da pequena casa. Tão certo e sabido como os pratos que transbordavam do lava-louça era o cheiro a *whisky* no bafo do pai. À medida que os meses passavam, havia alturas em que o menino nem se lembrava da cara do pai.

O Vance passou a aparecer mais, e o menino mal se apercebia de quando os soluços da mãe mudavam à noite. Por esta altura, o menino já tinha feito amigos. Bem, um amigo. O amigo mudou-se para longe, e o menino não se deu ao trabalho de fazer novas amizades. Achava que não precisava delas. Não se importava de estar sozinho.

Os homens que apareceram lá em casa, naquela noite, alteraram qualquer coisa no mais íntimo e profundo do rapaz. O que viu acontecer à mãe

endureceu-o, e, à medida que o pai se transformava num estranho, o menino tornava-se uma pessoa mais zangada. Pouco depois daquela noite, o pai deixou, de uma vez por todas, de andar aos tropeções pela casa pequena e imunda. Desapareceu, e o rapaz ficou aliviado. Acabou-se o *whisky*, acabaram-se os móveis partidos e as paredes escavacadas. Sobejou apenas um rapaz sem pai e uma sala de estar cheia de maços de tabaco meio vazios.

O rapaz detestava o sabor que os cigarros deixavam na boca, mas adorava a maneira como o fumo lhe enchia os pulmões, travando-lhe a respiração. Deu por si a fumar todos os cigarros que tinham ficado na sala, e depois comprou mais. Fez amigos, se é que se podia chamar amigos a um grupo de rebeldes e de delinquentes que valiam muito menos do que os problemas que causavam. Começou a ficar fora até tarde, e as pequenas mentiras inócuas e partidas inofensivas que o grupo de rapazes zangados contava e fazia deram lugar a crimes graves. Transformaram-se numa coisa mais negra, em algo que todos eles sabiam ser errado (profundamente errado), mas, no entender deles, estavam só a divertir-se. Achavam-se no direito àquele pico de adrenalina que acompanhava o poder que sentiam, e não o repudiavam. A cada inocência que roubavam, as veias pulsavam-lhes com mais arrogância, mais sofreguidão, menos limites.

Este rapaz era ainda o mais brando entre eles, mas já tinha perdido a consciência que, em tempos, o fizera sonhar vir a ser bombeiro ou professor. O tipo de relação que estava a desenvolver com as mulheres não era típico. Desejava o toque delas, mas blindava-se contra todo o tipo de ligação emocional. Isto incluía a mãe dele, a quem parou de dizer até um simples «gosto de ti»; mal lhe punha a vista em cima, fosse como fosse. Passava o tempo quase todo pelas ruas, e a casa deixou de ter significado para ele; era apenas o sítio onde, de vez em quando, chegavam encomendas postais. Nessas encomendas, vinha escrito um endereço do Estado de Washington por baixo do nome do Vance.

O Vance também o tinha deixado.

As raparigas davam atenção ao rapaz. Agarravam-se a ele, unhas compridas que lhe cravavam meias-luas nos braços enquanto ele lhes mentia, as beijava, as fodia. Pós-sexo, a maioria das raparigas tentava abraçá-lo. Ele afastava-as, sem tão pouco lhes pousar na pele um beijo ou uma carícia. Na maioria das vezes, já estava fora dali antes de elas terem recuperado o fôlego. Passava os dias pedrado, as noites mais pedrado ainda. O tempo era passado no beco detrás da loja de bebidas, ou na loja do pai do Mark, a desperdiçar a vida. E a assaltar lojas de bebidas, a fazer vídeos caseiros imperdoáveis, a humilhar raparigas ingénuas. Perdera a capacidade de sentir qualquer espécie de emoção além de arrogância e raiva.

Por fim, a mãe atingiu o limite. Deixara de ter dinheiro ou paciência para lidar com o comportamento destrutivo dele. O pai dele tinha recebido e aceitado uma proposta de emprego de uma universidade nos Estados Unidos da América. Em Washington, para ser mais preciso. No mesmo Estado em que vivia o Vance, na mesma cidade, até. O homem bom e o homem mau de novo juntos no mesmo sítio. A mãe do rapaz pensou que ele não tinha ouvido a conversa entre ela e o pai dele acerca de o despachar para lá. Ao que tudo indicava, o pai tinha-se regenerado, embora o rapaz não estivesse certo disso. Nunca estaria. O pai tinha, também, uma namorada, uma mulher amorosa de quem o rapaz tinha inveja. A essa mulher, era-lhe dado desfrutar dos benefícios do novo lado do pai dele. Era-lhe dado usufruir de jantares sóbrios, e de palavras gentis que ele nunca tivera oportunidade de ouvir.

Quando chegou à universidade, mudou-se para uma república, por despeito para com o pai. Todavia, apesar de não gostar do espaço, ao mudar os caixotes para um quarto de dimensão razoável que seria dele, sentiu uma ligeira ponta de alívio. O quarto era duas vezes maior do que o quarto dele em Hampstead. Não havia buracos nas paredes; não havia insetos a rastejar pelos lavatórios na casa de banho. Tinha, finalmente, um sítio onde podia pôr todos os seus livros.

A princípio, manteve-se solitário, não se dando ao trabalho de fazer quaisquer amizades. O grupo que acabou por vir a ser o seu foi-se formando aos poucos, e, com ele, o rapaz voltou a cair no mesmo padrão vicioso.

Do outro lado do Atlântico, conheceu o gémeo virtual do Mark, o que o fez começar a pensar que o mundo era assim mesmo, que era assim que a realidade estava destinada a ser, não havia nada a fazer. Começou a aceitar que o seu destino era estar sozinho. Era bom a magoar as pessoas, a causar estragos. Magoou outra rapariga, como a que tinha magoado antes, e sentiu a mesma tempestade percorrer-lhe a espinha, apostada em destruir-lhe a vida com a sua energia caótica. Começou a beber como o pai fizera, transformando-se assim na pior espécie de hipócrita.

Mas o rapaz não queria saber; estava anestesiado e tinha amigos, e estes ajudavam-no a ignorar o facto de que não tinha nada de genuíno na sua vida.

Nada interessava verdadeiramente.

Nem sequer as raparigas que tentavam chegar ao íntimo dele.

Natalie

Quando conheceu a rapariga de olhos azuis e cabelo preto, soube que ela estava ali para o testar de maneiras até então desconhecidas. Era uma rapariga amável, o espírito mais gentil que ele havia conhecido até então... e estava enamorada por ele.

Ele tirou a rapariga ingénua do mundo ordenado e imaculado dela e varreu-a para uma pá do lixo, dispersando-a depois por um mundo negro e inclemente que lhe era completamente alienígena. A insensibilidade dele fez dela uma pros-crita, exilando-a primeiro da igreja a que pertencia, e depois da própria família. Os mexericos foram cruéis, os sussurros passando de boca em boca, de beata sentenciosa para beata sentenciosa seguinte. A família dela não reagiu melhor. Ela não tinha ninguém, e cometeu o erro de confiar que o rapaz ia ser mais do que tinha capacidade para ser.

O que o rapaz fez à rapariga de olhos azuis e cabelo preto foi a última gota de água para a mãe dele. Mandou-o para a América, para o Estado de Washington, à guarda do pretenso pai; o modo como tratou a Natalie valeu-lhe o exílio da sua Londres natal. A solidão que sentira desde sempre era, por fim, uma realidade.

A igreja está hoje à cunha, filas e filas de pessoas como nós, todas elas aqui reunidas para adorar a Deus numa tarde quente de julho. Reunimo-nos todas as semanas, habitualmente as mesmas pessoas, todas elas pessoas de quem conheço o primeiro e último nomes.

A minha família vive como realeza aqui, num dos templos mais pequenos de Jesus.

A minha irmã mais nova, a Cecily, está sentada ao meu lado na primei-ríssima fila, as mãos pequeninas a esgaravatar a madeira lascada do banco corrido. A nossa igreja acaba de receber uma subvenção financeira para renovar parte do interior, e o nosso grupo de jovens tem estado a ajudar na recolha dos materiais doados pela comunidade local. Esta semana, temos

por tarefa angariar tinta junto dos comerciantes locais e pintar estes bancos corridos. Tenho passado os fins de tarde andando de loja de ferragens e pinturas em loja de ferragens e pinturas, solicitando donativos.

Como se para vincar a futilidade com que encaro esta tarefa, ouço um som abafado de estraçalhamento e, virando-me, constato que a Cecily desprende uma lasca de madeira do assento dela. Tem as unhas pintadas de cor-de-rosa, para condizer com o laçarote que traz no cabelo castanho-escuro, mas, caramba, pode ser bem destrutiva.

— Cecily, vamos consertar os bancos na próxima semana. Por favor não estragues. — Coloco suavemente as mãozinhas dela nas minhas, e ela faz beicinho, mas só um beicinho pequenino. — Podes ajudar-nos a pintá-los, para que voltem a ficar bonitos. Ias gostar de ajudar, não ias?

Sorriso-lhe. Ela sorri em resposta, um sorriso adorável a que faltam uns quantos dentinhos, e acena que sim. Os caracolinhos movimentam-se quando ela se movimenta, deixando a minha mãe orgulhosa do trabalho a que se deu com o ferro de frisar esta manhã.

O pastor está quase a terminar o sermão, e os meus pais estão de mãos dadas, de olhos fixos na parte dianteira da pequena igreja. A transpiração tem estado a acumular-se no meu pescoço, escorrendo em gotas pegajosas pelas minhas costas, ao mesmo tempo que palavras sobre pecado e sofrimento flutuam à roda da minha cabeça. Está tanto calor cá dentro que a maquilhagem da minha mãe começou a resplandecer pescoço a baixo e a esborratar círculos pretos à volta dos olhos. Conta-se que esta seja a última semana sem ar condicionado que teremos de aguentar. É melhor que seja; se não for, até eu serei tentada a fingir-me doente para evitar este forno abrasador.

No final da missa, a minha mãe levanta-se para ir falar com a mulher do pastor. A minha mãe admira imenso aquela mulher; um tudo-nada de mais, em minha opinião. A Pauline, a primeira-dama da nossa igreja, é uma mulher severa, com pouca empatia pelos outros, pelo que percebo o que leva a minha mãe a sentir-se atraída por ela. Aceno a mão ao Thomas, o único rapaz da minha idade que pertence ao grupo de jovens da igreja. Ao passar por nós, ele e a sua família inteira, seguindo a fila de pessoas que estão a sair da igreja, faz-me um aceno com a mão em resposta. Pronta para ir ao encontro de ar fresco, levanto-me e seco as mãos ao meu vestido azul-pálido.

— Podes levar a Cecily para o carro? — pergunta-me o meu pai com um sorriso cúmplice.

Vai tentar que a minha mãe pare de falar, como faz todos os domingos. A minha mãe é uma daquelas mulheres que continua a falar e a falar mesmo depois de já se ter dito «adeus» três vezes (no mínimo).

Nisso, não saí a ela. Ao invés, esforço-me para ser como o meu pai, cujas poucas palavras transmitem, habitualmente, o equivalente a uma vida inteira de sabedoria. E tenho consciência de que o meu pai adora o muito que herdei dele, do porte silencioso, cabelo escuro e olhos azuis-claros (as características mais evidentes), à nossa estatura. Ou falta de estatura. Tanto um como o outro mal temos um metro e sessenta e cinco de altura, embora ele seja ligeiríssimamente mais alto do que eu. A Cecily já há de ter-nos ultrapassado a ambos aos dez anos, arrelia-nos na brincadeira a minha mãe.

Aceno que sim em resposta ao meu pai e pego na mão da minha irmã. Ela avança em passo mais rápido do que o meu, a excitação da tenra idade levando-a a precipitar-se pelo meio do pequeno amontoado de gente que ainda não saiu da igreja. Quero puxá-la para trás, mas ela vira-se para mim com um sorriso enorme na cara, e fico sem coragem para fazer outra coisa que não estugar o passo ao lado dela. Largamos as duas em corrida, lançando-nos pelas escadas a caminho do pátio relvado. A Cecily finta um casal idoso, e eu rio quando ela dá um gritinho por quase ter deitado ao chão o Tyler Kenton, o rapaz mais maldoso da nossa igreja. O sol está radioso, o ar é denso nos meus pulmões, e corro cada vez mais depressa, na esteira da minha irmã, até que ela tropeça e se estatela na relva. Deixo-me cair de joelhos ao lado dela, para verificar se se magoou. Debruço-me e afasto-lhe o cabelo da cara. Pequenas pocinhas de lágrimas ameaçam derramar-se pelas faces, e o lábio inferior treme descontroladamente.

— O meu vestido... — A Cecily alisa com as mãos pequenas o vestido branco, focando-se nas nódoas de relva que mancham o tecido. — Está estragado!

Esconde a cara nas mãos sujas, e eu pego nelas e puxo-as para baixo, para o colo da minha irmã.

Sorriso-lhe e falo em voz branda.

— Não está estragado. Basta lavá-lo, querida.

Passo o polegar pela lágrima prestes a deslizar pela face. Ela funga, pouco disposta a acreditar em mim.

— São coisas que acontecem; já me aconteceu a mim pelo menos trinta vezes — afianço-lhe, embora seja mentira.

Os cantinhos da boca dela curvam-se para cima, e ela debate-se para não deixar escapar um sorriso.

— Não aconteceu nada. — Contesta ela a minha mentirinha.

Coloco-lhe um braço à volta do corpo e puxo-a para que se ponha de pé. Relanceio o olhar pelos seus braços pálidos para me certificar de que não me escapou nada. Tudo em ordem. Mantenho o braço em torno dela enquanto atravessamos o pátio da igreja em direção ao parque de estacionamento. Os meus pais vêm agora a aproximar-se de nós vindos da igreja, tendo o meu pai finalmente conseguido que a minha mãe parasse de trocar mexericos.

Durante o trajeto até casa, vou sentada no banco de trás com a Cecily, a desenhar borboletas pequeninas no seu livro para colorir preferido, enquanto o meu pai fala com a minha mãe sobre um rato-lavadeiro que, nos últimos tempos, nos tem dado problemas junto aos nossos caixotes do lixo, nas traseiras da casa. O meu pai para o carro na rampa de acesso à nossa casa e deixa o motor ligado. A Cecily dá-me um beijo rápido na face e salta do banco de trás para a rua. Eu saio atrás dela, dou um abraço à minha mãe e recebo do meu pai uma beijoca na face antes de me sentar no lugar do condutor.

O meu pai olha para mim.

— Muito cuidadinho, besouro. Há bastante gente na rua hoje, a aproveitar o sol.

Levanta a mão para escudar os olhos semicerrados. É o dia mais soalheiro que Hampstead vê há já bastante tempo. Tivemos o calor, mas sem sol. Aceno que sim e prometo ao meu pai que terei cuidado.

Espero por sair do nosso bairro para mudar para outra estação de rádio. Aumento o volume do som e acompanho em cantoria todas as músicas que passam até chegar ao centro da cidade. O meu objetivo é conseguir três baldes de tinta em cada uma das três lojas a que planeio ir. Dar-me-ei por satisfeita com um balde por loja, mas o meu objetivo é conseguir três, para que tenhamos tinta suficiente para pintar tudo.

A primeira loja, «Mark — Tintas e Materiais de Construção», tem fama de ser a mais barata da cidade. O Mark mencionado no letreiro, que é o dono, tem uma reputação impecável na nossa zona, e estou encantada por ir falar com ele. Paro o carro no parque de estacionamento quase vazio; em todo o parque, veem-se apenas um carro de estilo clássico pintado de vermelho vivo e uma carrinha. O edifício é velho, feito de pranchas de madeira e gesso periclitante. O letreiro está torto, e o «M»

mal se consegue ler. Quando abro a porta de madeira, esta range e soa uma campainha. Um gato salta de um caixote, aterrando de pé à minha frente. Fico um bocadinho a fazer festinhas àquela bola de pelo, antes de me dirigir ao balcão.

O interior da loja está tão descuidado como o respetivo exterior, e, no meio de tantos objetos alinhados e encavalitados uns nos outros, não deteto logo o rapaz por detrás da máquina registadora. A presença dele ali provoca-me um ligeiro sobressalto. É alto e tem ombros largos; parece o tipo de rapaz que tem muitos anos de prática de desporto em cima do corpo.

— Mark... — digo eu, atrapalhando-me ao não me lembrar do apelido dele. Toda a gente o trata apenas por Mark.

— O Mark sou eu — diz uma voz por trás do rapaz de aspeto atlético.

Inclinando-me ligeiramente para o lado, reparo noutro rapaz, sentado numa cadeira atrás da secretária, todo vestido de preto. A constituição física deste rapaz é muito menos imponente do que a do primeiro, e, não obstante, a presença que dele emana é, de algum modo, mais imponente do que a do outro. Tem cabelo escuro, sobre o comprido de ambos os lados, formando uma onda de cabelo solto sobre a testa. Tem tatuagens nos braços: zonas de tinta preta, aleatoriamente espalhadas num mar de pele bronzeada.

Não faz exatamente o meu género, mas, em vez de formular uma crítica à opção dele, a única coisa que me ocorre é toda a gente estar bronzeada este verão menos eu.

— Ele não é o Mark; eu é que sou — diz uma terceira voz. Olhando para o outro lado do primeiro rapaz, deparo com um rapaz de estatura mediana, constituição magra, com cabelo cortado à escovinha. — Mas sou o Mark *Júnior*. Se está à procura do meu pai, ele não está cá hoje.

Este terceiro rapaz também tem algumas tatuagens, embora mais organizadas do que as do rapaz de cabelo revoltado, e tem um *piercing* na sobrancelha. Recordo-me de ter perguntado um dia à minha família se podia furar o umbigo, e ainda hoje não consigo evitar uma gargalhada ao lembrar-me das reações horrorizadas deles.

— É o melhor dos dois Marks, este — entoa o rapaz de cabelo revoltado, a voz grave e pausada. Sorri, aparecendo-lhe nas faces duas covinhas pronunciadas e bonitas.

Rio, desconfiando de que esta sentença está a milhas da verdade.

— Tenho as minhas dúvidas, vá-se lá saber porquê — provooco eu. Riem os três, e o Mark Jr. vem ao meu encontro, de sorriso nos lábios.

O rapaz sentado na cadeira levanta-se. É tão alto que a presença dele se magnifica ainda mais. Assoma ao balcão e fica como que a pairar sobre mim. É atraente; feições marcadas. Linha do maxilar bem definida, pestanas escuras, sobranceiras cheias. O nariz é fino e os lábios são de um tom rosa-claro. Olho fixamente para ele e ele olha fixamente para mim.

— Queria tratar de algum assunto específico com o meu pai? — pergunta o Mark.

Como não respondo de imediato, o Mark e o atleta deslocam o olhar de mim para o amigo deles e deste para mim várias vezes.

Despertando de novo para a realidade, e um bocadinho envergonhada por ter sido apanhada a olhar fixamente para o rapaz, inicio a minha ladainha.

— Venho da parte da Igreja Batista de Hampstead, e gostaria de saber se teriam disponibilidade para nos doar tinta ou outros materiais. Estamos a remodelar a nossa igreja e vemo-nos precisados de doações...

Suspendo o discurso porque o rapaz charmoso de lábios rosados está em animada discussão, segredando com os amigos num tom de voz demasiadamente baixo para que consiga ouvi-lo. Nisto, param de falar uns com os outros, e olham os três para mim em simultâneo, três sorrisos em fila.

O Mark é o primeiro a falar.

— Estamos totalmente disponíveis para colaborar consigo — diz ele.

O sorriso dele faz-me pensar num felino. Não sou capaz de precisar exatamente porquê. Retribuo o sorriso e começo a agradecer-lhe.

O Mark vira-se para o amigo que tem o navio gigantesco tatuado no bíceps.

— Hardin, quantas latas há aí?

Hardin? Que nome tão estranho; nunca o tinha ouvido antes.

As mangas da *T-shirt* preta do tal Hardin mal tapam a metade inferior do navio de madeira. O desenho está bem conseguido; o pormenor e o sombreado foram cativamente executados. Quando levanto a cabeça para o fitar, detendo o olhar uns segundos nos lábios dele, sinto as faces aquecerem. Ele está a olhar a direito para mim, e apercebe-se do meu exame atento à cara dele. Noto que o Mark e o Hardin trocam um olhar entre eles, mas não consigo apanhar as palavras mudas que os lábios do Mark lhe dirigem.

— Que tal uma proposta? — diz o Mark, acenando a cabeça na direção do Hardin.

Tenho interesse em ouvir o que vai sair dali. Este Hardin parece-me uma pessoa divertida, um tanto ou quanto «fora», mas, até ver, estou a gostar dele.

— Que proposta? — Enrolo as pontas do cabelo no dedo e fico à espera.

O Hardin continua a olhar fixamente para mim. Há qualquer coisa de resguardado nele. Pressinto-o mesmo a esta distância, do lado de cá da pequena loja. Dou-me conta de que estou cheia de curiosidade em relação a este rapaz, que faz um esforço colossal para parecer duro. Faço um esgar ao imaginar o que pensariam os meus pais, em como reagiriam se o levasse lá a casa. A minha mãe acha que as tatuagens são uma coisa malévola, mas eu não tenho certezas quanto ao assunto. Não são propriamente a minha cena, mas algo me diz que podem ser uma forma de autoexpressão, e é inquestionável que há sempre beleza nisso.

O Mark esfrega o queixo liso.

— Se concordar em sair duas vezes aqui com o meu amigo Hardin, dou-lhe quarenta litros de tinta.

Olho na direção do Hardin, que me fita com um sorriso trocista a brincar-lhe nos cantos dos lábios. Lábios tão bonitos... As feições ligeiramente femininas tornam-no mais atraente do que o vestir de preto ou o cabelo em desalinho. Pergunto-me se seria sobre isto que estavam a sussurrar há instantes. Será que o Hardin gostou de mim?

Enquanto pondero a ideia, o Mark sobe a parada:

— Da cor que quiser. Qualquer tipo de acabamento. Tudo oferta da casa. Quarenta litros.

É um bom vendedor.

Dou um estalido com a língua contra o céu da boca.

— Uma saída — contraponho.

O Hardin ri; a maçã de Adão mexe-se com o riso, e as covinhas acentuam-se nas faces. *Okay*, ele é muito, muito atraente. Nem acredito que não reparei logo no quão podre de bom ele é quando entrei. Estava tão concentrada em conseguir a tinta que mal notei quão verdes são os olhos dele sob as luzes fluorescentes da loja.

— Pode ser. — O Hardin mete a mão no bolso, e o Mark olha para o outro rapaz.

Sentindo-me deveras triunfante com o sucesso do meu pequeno regateio, sorrio e passo a indicar as cores de que preciso para os bancos corridos, para as paredes, para as escadas, ao mesmo tempo que finjo não estar já a antever a minha saída com o Hardin, o rapaz reservado e de cabelo revoltado, que é tão inocente e tímido que está disposto a trocar quarenta litros de tinta por uma saída.

Molly

Quando era rapazinho, a mãe contou-lhe histórias de raparigas perigosas. Quanto mais uma rapariga não te ligar, quanto mais quiser distância de ti, mais de ti gosta. Deves persistir, ensina-se aos rapazes em tenra idade.

O que esses rapazes insistentes vêm a descobrir é que, na esmagadora maioria dos casos, quando uma rapariga não gosta dele, muito simplesmente não gosta dele.

A rapariga cresceu sem uma mulher que lhe mostrasse como ser. A mãe dela sonhava com uma vida intensa e sem constrangimentos, com uma vida maior do que aquela que podia proporcionar-se, e a rapariga aprendeu como se comportavam os homens observando as ações daqueles que a rodeavam.

À medida que foi crescendo, apreendeu rapidamente o jogo e tornou-se uma jogadora magistral.

Puxo o vestido para baixo ao dobrar a esquina escura e entrar na rua estreita. Ouço o tecido de rede rasgar quando o ajusto, e praguejo contra mim própria por isto ter acontecido outra vez.

Tinha apanhado o comboio para a baixa da cidade na esperança de alcançar... *qualquer coisa*.

O quê, não tenho bem a certeza, mas estou tão, tão cansada de me sentir assim. Um vazio que faz com que nos comportemos de maneiras que jamais imagináramos, e esta é apenas uma maneira de satisfazer a porra do buraco gigantesco que há dentro de mim. A satisfação vem e vai enquanto os homens me comem com os olhos. Sentem-se com direito ao meu corpo, dado que me visto de modo a atraí-los deliberadamente. São repulsivos e estão completamente errados, mas eu jogo com a luxúria deles, encorajando-lhes o comportamento com uma piscadela de olho. Fazer um sorriso tímido a um homem que se sente só é mais do que meio caminho andado.

Necessitar desta atenção é algo que me dá a volta ao estômago. É mais do que uma dor; é um abrasamento escaldante, branco-incandescente, dentro de mim.

Ao dobrar outra esquina, um carro preto aproxima-se, e desvio o olhar para o lado quando o homem atrás do volante abranda para me apreciar. As ruas estão escuras, e esta viela aos ziguezagues fica numa das áreas mais abastadas de Filadélfia. Lojas perfilam-se ao longo das ruas, cada qual possuindo a sua área de cargas e descargas de mercadoria nas traseiras, dando para a viela em que me encontro.

Há excesso de dinheiro e penúria de encanto na Main Line.

— Queres dar uma volta? — pergunta o homem enquanto a janela automática desce com um zunido suave. A cara dele revela algumas rugas, e o cabelo louro-areia, castanho e grisalho está cuidadosamente penteado nos lados e com o risco impecável. O sorriso é charmoso, e tem bom aspeto para a idade, mas há um aviso que soa na minha cabeça todos os fins de semana em que percorro este trajeto, em que sigo esta rotina *zombie* por razões que a razão desconhece. A falsa amabilidade no sorriso do homem não passa disso mesmo, tão falsa como a minha mala «Chanel». O sorriso vem-lhe do dinheiro; nos tempos que correm, já sei que é assim. Homens com carros pretos que estão tão limpos que reluzem à luz do luar têm dinheiro, mas não têm moral. As respetivas esposas não os fodem há semanas (meses, até) e eles buscam pelas ruas a atenção de que se veem privados.

Mas eu não estou interessada no dinheiro dele. Os meus pais têm dinheiro, dinheiro a rodos.

— Não sou uma prostituta, seu cabrão doentio! — Pontapeio a bota de salto de plataforma contra o estúpido carro reluzente e reparo na cintilação de uma aliança num dos dedos.

O olhar dele acompanha o meu e, ato contínuo, enfia a mão sob o volante. Parvalhão.

— Boa tentativa. Vai para casa ter com a tua mulher; tenho a certeza de que a desculpa que lhe deste deve estar prestes a expirar.

Começo a afastar-me, e ele acrescenta mais qualquer coisa. A distância captura o som, transportando-o para longe na noite, sem dúvida para qualquer canto escuso. Não me dou ao trabalho de voltar a olhar para ele.

A estrada está praticamente vazia, dado que passa das nove da noite e é segunda-feira. As luzes nas traseiras dos edifícios estão mortijas, o ar está calmo e silencioso. Passo por trás de um restaurante em que vapor de água se evola do telhado, e o cheiro a carvão enche-me os sentidos.

Cheira maravilhosamente bem e lembra-me dos churrascos que fazíamos com a família do Curtis quando eu era mais nova. Nos tempos em que eles eram como uma segunda família para mim.

Pestanejo para afastar os pensamentos e retribuo o sorriso a uma mulher de meia-idade, de avental e chapéu de *chef*, que sai da porta das traseiras de um restaurante. A chama do isqueiro dela refulge na noite. Dá uma passa no cigarro que tem na mão, e eu volto a sorrir.

— Cuidadinho por aí, rapariga — avisa a voz rouca dela.

— Sempre — respondo eu com um sorriso e um aceno de mão.

Ela abana a cabeça e volta a levar o cigarro aos lábios. O fumo dispersa-se no ar frio, e o lume vermelho na ponta do cigarro faz um som crepitante no silêncio da noite antes de ela o atirar para o cimento e o calcar com força.

Sigo caminho; o ar arrefece. Passa mais um carro, e eu afasto-me da berma da viela. É um carro preto... Volto a olhar e apercebo-me de que é do mesmo preto reluzente que o último. Um arrepio gelado desce-me pelas costas quando o carro abranda, os pneus esmagando o lixo que cobre a viela.

Estugo o passo, optando por passar por detrás de um contentor para ganhar a maior distância possível do desconhecido. Acelero o passo, e adianto-me mais um bocado.

Não sei porque estou tão paranoica esta noite; faço isto quase todos os fins de semana. Visto uma túnica horrorosa, beijo o meu pai na face, e peço-lhe dinheiro para o bilhete de comboio. Ele franze o sobrolho e diz-me que passo demasiado tempo sozinha, e que tenho de seguir em frente com a minha vida antes que ela passe por mim. Se seguir em frente fosse assim tão fácil, não estaria a fazer esta troca de roupa à pressa, enfiando-me neste vestido e atirando a túnica para dentro da mala para voltar a vesti-la na viagem de regresso a casa.

Seguir em frente. Como se isso não tivesse nada que saber.

— Molly, tens apenas dezassete anos; tens de voltar à vida real antes de teres desperdiçado tempo de mais dos melhores anos da tua vida — diz-me o meu pai de cada vez que me preparo para estas saídas.

Se estes são os melhores anos da minha vida, não vejo grande razão para viver mais do que já vivi.

Aceno-lhe sempre que sim, concordando com ele com um sorriso, ao mesmo tempo que desejo em silêncio que ele pare de comparar a perda dele com a minha. A diferença é esta: a minha mãe quis partir.

Esta noite sabe-me diferente, por qualquer razão, talvez por o mesmo homem estar neste momento a parar ao meu lado pela segunda vez em vinte minutos.

Largo a correr, deixando que o medo me transporte pela rua toda esburacada até à estrada mais movimentada já ali adiante. Um táxi buzina-me quando apareço de súbito na estrada, e dou um salto atrás, para o passeio, tentando recuperar o fôlego.

Preciso de ir para casa. Já. O meu peito incendeia-se, e debato-me para conseguir inspirar o ar frio. Recuo um passo no passeio e olho para todos os lados.

— Molly? Molly Samuels, és tu? — grita a voz de uma mulher atrás de mim.

Volto-me e vejo a cara familiar da última pessoa com quem queria cruzar-me. Tenho de me controlar para não largar a correr na direção oposta quando o meu olhar depara com o dela. Vem a andar ao meu encontro com um saco pardo de compras de mercearia em cada mão.

— O que fazes tu por aqui, e a estas horas? — pergunta a Sr.^a Garrett, caindo-lhe uma mecha de cabelo para a face.

— Vim só dar uma volta. — Tento baixar o vestido de maneira a cobrir as coxas antes de ela voltar a olhar para mim.

— Sozinha?

— A senhora também está sozinha — digo, num tom mais do que defensivo.

Ela suspira e passa os dois sacos das compras para um dos braços.

— Vem daí, entra no carro. — A Sr.^a Garrett começa a avançar em direção à carrinha castanha estacionada junto à esquina.

Com um clique num botão, a porta do lado do passageiro destranca-se, e eu entro no carro, hesitante. Mas antes estar dentro deste carro com a Sr.^a Garrett e as críticas dela do que lá fora, na rua, com o tipo do carro preto que, aparentemente, não sabe aceitar um «não» como resposta.

A minha salvadora temporária senta-se no lugar do condutor e fica a olhar em frente durante um minuto antes de se virar para mim.

— Sabes que não podes continuar a agir desta maneira o resto da tua vida. — A frase acaba num tom forte, mas as mãos tremem-lhe no volante.

— Não estou...

— Não finjas que não aconteceu nada. — Esta reação dá-me a saber que a Sr.^a Garrett não está com disposição para empatar tempo em

cortesias. — Estás vestida de uma maneira completamente diferente da que costumavas vestir; sem dúvida diferente da que o teu pai provavelmente aprovaria. Estás com o cabelo cor-de-rosa; nada que se assemelhe ao teu louro natural. Estás aqui, à noite, a andar sozinha. Não sou só eu que reparo em ti, sabes. O John, que vai à minha igreja, viu-te há umas noites. Disse-nos que te viu, à frente de toda a gente.

— Eu...

Gesticula a mão para descartar o meu protesto.

— Ainda não acabei. O teu pai disse-me que nem sequer fazes tenções de ir para a Universidade Estadual de Ohio, mau grado todos os anos que tu e o Curtis andaram a preparar-se para a frequentarem juntos.

O nome que sai dos lábios dela trespassa-me, fendendo a concha dura no interior da qual me acostumei a habitar. O espesso vazio no qual me tenho resguardado. A cara do filho dela preenche-me a mente, e a voz dele enche-me os ouvidos.

— Pare — consigo articular por entre a dor.

— Não, Molly — diz a Sr.^a Garrett.

Quando viro a cabeça para a fitar, vejo que está perturbada, como se tivesse dentro dela botijas e mais botijas de emoção comprimida, botijas que tivessem andado a ser sacudidas ao longo dos últimos seis meses e estivessem agora a um milímetro de explodir.

— Ele era meu *filho* — diz ela. — Por isso, não fiques aí sentada a comportar-te como se tivesses mais motivos do que eu para te sentires ferida. Perdi um filho, o meu único filho, e agora estou a ver-te, a ti, minha querida Molly, uma menina que vi crescer, a perder-se também; e não vou ficar mais tempo calada. Precisas de levantar o rabo da cadeira e pores-te a caminho da faculdade, sair desta cidade tal qual como tu e o Curtis planearam. Dar continuidade à *vida*. É o que todos temos de fazer. E se eu sou capaz, por muito que me custe, rai's parta se tu também não és.

Quando a Sr.^a Garrett para de falar, sinto que foi como se ela tivesse estado estes dois minutos a atar nós no meu estômago. Foi sempre uma mulher recatada (era o marido quem, invariavelmente, fazia as despesas da conversa) mas, no espaço de cinco minutos, tornou-se, de algum modo, menos frágil. A voz dela, habitualmente suave, adotou um tom novo, determinado; está a impressionar-me, esta nova mulher. Está, também, a deixar-me descorçoada, por ter permitido que a minha vida se transformasse nesta existência mórbida.

No entanto, era eu quem ia a conduzir o carro.

Concordei em guiar a pequena carrinha do Curtis na noite anterior a obter a minha carta de condução. Estávamos entusiasmados, e o sorriso dele foi persuasivo. Amava-o com todas as fibras do meu ser, e, quando ele morreu, fiquei dilacerada. O Curtis era a minha fonte de acalmia, a minha garantia de que não me transformaria na minha mãe, uma mulher que vivia e respirava para ser mais do que a esposa de alguém, encafuada numa mansão enorme num bairro rico. Passava os dias a pintar e a dançar na nossa casa grande, a cantar canções e a prometer-me que haveríamos de sair deste bairro «chapa cinco».

— Não vamos morrer aqui... hei de convencer o teu pai um dia destes — estava sempre a dizer.

Só cumpriu metade da promessa: foi-se embora a meio da noite há dois anos. Não foi capaz de lidar com a vergonha que, aparentemente, advinha do facto de ser mãe e esposa. A maioria das mulheres teria grandes dificuldades em ver nisso motivo para se sentir envergonhada, mas não a minha mãe. Desejava que todas as atenções se centrassem nela; precisava de que as pessoas soubessem o nome dela. Culpabilizava-me quando tal não acontecia, apesar de tentar negar o facto de que me culpabilizava. Estava sempre com vergonha de mim; estava constantemente a recordar-me do que eu lhe tinha feito ao corpo. Disse-me, muitas vezes, que tinha um corpo magnífico antes de eu ter vindo ao mundo. Agia como se tivesse sido eu a escolher ser colocada no corpo dela, no útero de uma mulher tão egoísta. Certa vez, mostrou-me as marcas que eu lhe tinha feito na barriga, e eu fiz um esgar igual ao dela perante a visão da pele toda esgarçada.

Apesar de eu ser um obstáculo ao estilo de vida que ambicionava para si, a minha mãe prometia-me o mundo. Falava-me de cidades maiores, mais luminosas, com painéis publicitários gigantescos nos quais quem lhe dera ser suficientemente bela para neles figurar.

E, às primeiras horas de uma dada manhã, tendo ouvido a minha mãe contar, na noite anterior, sobre o mundo pelo qual tanto ansiava, observei-a, pelos grossos balaústres de metal das escadas, a arrastar a mala de viagem pela tapete em direção à porta da frente. Praguejou e atirou o cabelo para trás dos ombros. Estava vestida como se fosse a uma entrevista de emprego, com maquilhagem completa e cabelo penteado com o secador de mão — deve ter gastado metade de uma lata de laca para conseguir obter aquele efeito. Estava excitada e confiante quando tocou no cabelo para lhe dar um ligeiro retoque.

Mesmo antes de transpor a porta, passou os olhos pela sua sala de estar belissimamente decorada, e o rosto encheu-se com o maior sorriso que alguma vez lhe vi. Posto isso, fechou a porta atrás de si, e imaginei-a encostando-se à porta do lado de fora, a transbordar de felicidade, ainda a sorrir, como se fosse dali para o paraíso.

Não chorei ao descer as escadas pé ante pé, tentando memorizar como ela era e como agia. Queria lembrar-me de todas as interações, todas as conversas, todos os abraços que tínhamos partilhado. Apercebi-me, logo então, de que a minha vida estava a mudar outra vez. Espreitando pela janela da sala de estar, observei-a entrar para um táxi. Limitei-me a ficar ali espedada, a olhar para a estrada. Acho que sempre soube que não podia contar com ela. O meu pai pode ter medo de sair da cidade em que cresceu, na qual tem um emprego espetacular, mas, porra, pode-se contar com ele.

A Sr.^a Garrett acaricia as pontas do meu cabelo cor-de-rosa com dedos cautelosos.

— Mergulhar a cabeça em corante cor-de-rosa não vai mudar nada do que aconteceu.

Sorriso perante a escolha de palavras dela e digo a primeira coisa que me vem à cabeça.

— Não tingi o cabelo de cor-de-rosa por ter visto o seu filho esvair-se em sangue à minha frente — expludo eu, lembrando-me de como o corante cor-de-rosa escuro se assemelhava a sangue quando estava a enxaguar o cabelo e via a água escorrer pelo ralo.

Afasto-lhe a mão e, iá, as minhas palavras foram cruéis, *mas quem caralho é ela para me julgar?*

Enquanto absorve o que acabei de dizer, tenho a certeza de que está a visualizar o corpo mutilado do Curtis, o corpo ao lado do qual estive durante duas horas antes que alguém viesse socorrer-nos. Tentei arrancar-lhe o cinto de segurança a partir do meu lugar de condutor, mas em vão. O modo como o metal se dobrou quando chocámos contra a barreira deixou-me impossibilitada de mexer os braços. Tentei, não obstante, e gritei ao sentir o metal dentado rasgar-me a pele. O meu amor não se mexia, não emitia um som que fosse, e eu gritei com ele, com o carro, com o universo inteiro, ao mesmo tempo que me debatia para nos salvar.

Um universo que me traiu e do qual se apagou toda a luz quando a cara dele ficou pálida e os braços se tornaram frouxos e inertes. Hoje, estou grata, agradecida por o meu corpo ter sucumbido instantes antes

de ele ter morrido, e por não ter sido obrigada a ficar ali sentada a ver a coisa que já não era ele, a ver e a esperar que ele, de algum modo, ressuscitasse.

Com um suspiro baixo, a Sr.^a Garrett liga o carro e põe-no em marcha.

— Compreendo o teu sofrimento, Molly... Se há alguém capaz de o compreender, sou eu. Também eu tenho andado a tentar descobrir como dar continuidade à minha vida, mas tu estás a dar cabo da tua por causa de uma coisa que não estava sob o teu controlo.

Fico estupefacta, e faço um esforço para me concentrar passando a mão pelo plástico da porta do carro.

— Não estava sob o meu controlo? Era eu quem ia a guiar o carro. — O som do metal torcido a chocar contra uma árvore, e depois contra uma barreira de metal, inunda-me os ouvidos, e sinto as mãos tremerem-me no meu colo. — Tinha a vida dele sob meu controlo, e matei-o.

Ele era a vida, a definição de vida em si. Era luminoso e caloroso e adorava tudo. O Curtis era capaz de encontrar alegria nas coisas mais estúpidas, mais insignificantes. Eu não era como ele. Era mais cínica, sobretudo depois de a minha mãe ter ido embora. Mas ele ouvia-me de todas as vezes que a minha raiva acicatava um erro. No seu dia de anos, o Curtis ajudou o meu pai a limpar o quarto de pintar da minha mãe, na sequência de eu o ter destruído, atirando tinta preta para cima de todos os preciosos quadros que ela nos tinha deixado. Não me perguntou porque é que eu desejava que ela estivesse morta em mais de uma ocasião.

Nunca me criticou, e mantinha-me coesa e inteira, coisa que eu não era capaz de fazer por mim mesma. Sempre pensei que seria ele a razão pela qual eu ia conseguir aguentar a faculdade e fazer amigos numa nova cidade. Nunca fui boa a esconder o que penso das pessoas, pelo que fazer amigos não é a coisa mais fácil do mundo para mim. Ele dizia-me sempre que não havia problema, que não havia problema nenhum em eu ser como era, que se tratava apenas de eu ser escrupulosamente franca de mais, pelo que ia ter de ser ele a assumir o papel de mentiroso na nossa relação. O Curtis fazia de conta de que gostava dos miúdos pretensiosos, os betinhos ricos de camisola amarrada à volta da cintura da nossa escola. Era sempre o rapaz simpático, aquele que toda a gente adorava. Eu era a pessoa que o acompanhava. Namorámos tanto tempo que toda a gente começou a aceitar-me, e à minha atitude. Ele compensava, suponho eu, com a sua maneira de ser desarmante. O Curtis era a minha desculpa perante o mundo porque, aparentemente, ele via qualquer coisa em

mim. Era a única pessoa que me aceitaria e amaria sempre, mas depois abandonou-me, também. Por culpa minha, tal como tenho a certeza de que a minha mãe foi embora por estar cansada da cidade, da normalidade do meu pai, e da filha loura com o laçarote no cabelo.

O último resquício da minha necessidade de me fingir normal esfumou-se quando o lavatório se tingiu de cor-de-rosa e o louro do meu cabelo se sumiu.

— Tenho um amigo com alguma influência na Costa Oeste, no Estado de Washington.

Quase me tinha esquecido de onde estava, a minha mente a reviver em menos de dez minutos todas as experiências de merda por que passei na vida.

— Posso perguntar-lhe se ele consegue puxar uns quantos cordelinhos, e arranjar-te vaga numa boa faculdade lá. Aquilo é bonito. Revigorante, verde. Já vamos um bocado tarde para matrículas, mas posso tentar, se estiveres disposta a ir — oferece a Sr.^a Garrett.

Washington? O que raio é que há em Washington?

Pondero a oferta dela, matutando se ainda *quero* ou não, sequer, ir para a faculdade. E, à medida que a pergunta vai girando na minha cabeça, dou-me conta de que *quero* sair desta cidade maldita, pelo que o melhor que tenho a fazer é, talvez, aceitar. Dantes, quando era mais nova, costumava pensar noutras cidades. A minha mãe falava de Los Angeles, e de como o clima proporcionava dias perfeitos, todos os dias. Falava de Nova Iorque, e de como as ruas estavam cheias de gente. Falou-me das cidades glamorosas nas quais queria viver. Se a minha mãe era capaz de se ambientar nessas cidades, eu ia ter de conseguir ambientar-me ao Estado de Washington.

Mas é longe, na outra ponta do país. O meu pai ia ficar aqui sozinho... embora isso talvez venha a ser bom para ele. Ele já mal tem amigos, por estar sempre tão preocupado comigo, a esforçar-se para que eu esteja feliz. Desistiu até de tentar interessar-se pela vida dele. Talvez o facto de eu sair daqui para ir para a faculdade o ajudasse. Talvez contribuisse para restaurar alguma sensação de normalidade.

É possível que eu venha a fazer amigos, também. O meu cabelo cor-de-rosa não deverá ser tão intimidador junto de pessoas que vivam numa cidade em que há alguma sofisticação. As minhas roupas reveladoras poderão não ser tão ameaçadoras junto de raparigas da minha idade numa outra cidade.

Podia começar de novo e dar um motivo de orgulho à Sr.^a Garrett.
Podia dar também ao Curtis algo de que se orgulhar.

Washington pode vir a ser exatamente o que o xamã prescreveria.

E assim, sentada no carro desta mulher, da mãe gentil do rapaz que amei e perdi, juro, neste preciso momento, que vou fazer um esforço para ser melhor.

Não vou apanhar comboios para zonas duvidosas da cidade quando estiver em Washington.

Não vou encafuar-me no passado.

Não vou desistir de mim.

Só vou fazer coisas que contribuam para o meu futuro; e estou-me a cagar para o que quem quer que seja diga enquanto as faço.